

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

DAVI OLIVEIRA DOS SANTOS

**LITERATURA E PSICOLOGIA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VIKTOR
FRANKL E SHAKESPEARE**

Maceió, 2021

DAVI OLIVEIRA DOS SANTOS

LITERATURA E PSICOLOGIA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VIKTOR
FRANKL E SHAKESPEARE

Orientadora: Professora Nadja Maria Vieira da Silva

Maceió, 2021

LITERATURA E PSICOLOGIA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE VIKTOR FRANKL E SHAKESPEARE

RESUMO

Há muito tempo o ser humano cultiva o hábito de contar história, que consolidou-se como uma tradição oral. Observa-se, sobretudo nos gregos, que a narração servia a alguns propósitos, como a transmissão de aspectos biográficos da civilização, ao ensino de valores morais e à exposição de problemáticas existenciais de grande relevância. A literatura surge como continuação escrita da contação oral e comunica-nos dilemas existenciais importantes, bem como características psicológicas comuns aos seres humanos. Com essas características, ela não deve ser concebida como mero “faz de conta” dissociado da vida. Objetivamos, com este ensaio, entrelaçar aspectos na análise de uma passagem da narrativa de Hamlet, uma obra literária artística de shakespeare, com aspectos da Logoterapia, de Viktor Frankl. Com esse entrelaçamento, apontamos para a aproximação entre aspectos psicológicos de personagens em enredos artísticos e aspectos psicológicos configurados na vida cotidiana.

Palavras-chave: Logoterapia; Literatura; Vida cotidiana;

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias faz parte da vida humana desde há muito tempo. Quase como um aspecto inerente ao *homo sapiens*, a arte narrativa, se submetida a um “rastreio”, remonta há milhões de anos. Trata-se de uma “arte”, de uma atividade atuante já na cultura que antecederia o desenvolvimento da escrita. (MATEUS, 2014)

No nosso propósito de recuperar aspectos históricos da relação humana com a forma narrativa de linguagem, marcamos que, nos tempos primitivos, já configurava-se a atividade de tentar sistematizar signos e símbolos, na qual se exercia a

comunicação e se partilhava sua compreensão da realidade. Em termos pragmáticos, os rudimentos da linguagem, considerando os registros primários, tais como os desenhos nas cavernas (pinturas rupestres), revelam a importância da ação de registrar atividades diversas e, mais amplamente, da vida humana. Assim, tem-se a díade “registrar-contar”, um processo cíclico que envolve a leitura de sinais e a transmissão de conhecimento, ainda informal (MATEUS, 2014).

Ao utilizar-se de recursos naturais tão-somente, isto é, sem o auxílio de instrumentos amplificadores nem tampouco artifícios sofisticados para o registro de suas pinturas, os indivíduos dessa época conseguiam conservar seus aspectos culturais e vivenciais através de narrativas, sendo permitida, assim, a conservação de experiências estimadas. Com esse mecanismo, possibilitava-se a partilha de uma herança, formada por um arcabouço, simbólico para gerações posteriores.

Não obstante à sua presença no período mais remoto da humanidade, é na Antiguidade que a tradição oral pode ser observada em seu apogeu: declamações de poemas (eis uma indelével marca deste tempo), epopeias e idílios, entoados ao ar-livre, sobretudo a partir figura do rapsodo. Através da repetição, portanto, preservavam-se experiências marcantes que se configuravam como aspectos importantes para organização da cultura. Nas palavras de Jacques Le Goff (1996), a memória é um objeto estimado pela história, bem como uma das suas forças motrizes de sua cultura.

A relevância dada memória é explicitada no pensamento grego através da mitologia, haja vista a simbologia importante relacionada a duas divindades: Mnemosine, deusa da memória e mãe das Musas inspiradoras inspiradoras dos poetas, e Calíope, deusa da eloquência. Com esses exemplos, é plausível afirmar a existência de uma estreita relação entre a memória, inspiração e linguagem: as imagens, cultivadas pela repetição de narrativas, fomentam o potencial criador e a materialidade de seu efeito é observada mediante a arte do bem falar (oratória) e, também, do estilo de usos de linguagem escrita.

Resistindo ao teste do tempo, as narrativas orais foram fortalecidas e popularizadas. Apesar da ascensão do apreço pelo contato com a escrita, ambas as modalidades, oral e escrita, dividiram espaço e foram objetos de valor para o povo. Tomemos, então, o exemplo dos trovadores no cenário medieval: contadores de histórias que conquistaram grande afeição por parte dos cidadãos da época, cuja habilidade oratória garantia entrada em palácios e aldeias (BERNARDINO E SOUZA,

2011).

Doravante, contudo, começou-se a ter por benfazejo o hábito do contato direto com a história. Pois bem. Passou-se a ser mais enfatizada a posição de leitor ao invés de ouvinte; os relatos e ficções escritas ganharam mais força. Temos, dessa maneira, o hábito do contato pessoal com as histórias, tal como acontece com a literatura hodiernamente. Nesse início, onde passou-se a predominar narrativas escritas, fábulas que eram frequentemente verbalizadas para adultos, foram adaptadas e destinadas ao público infantil (MATEUS, 2014). Daí em diante, a leitura e a literatura passou a mobilizar as nossas vidas com maior intensidade, imigrando, facilmente, de um lugar ordinário para a centralidade.

Considerando-se a proximidade entre a contação de histórias e o desenvolvimento do ser humano ao longo do tempo, vê-se, nesta atividade, um campo oportuno para estudos da psicologia, aplicando e elocubrando alguns de seus postulados. Tecidas explicações sobre a ampla presença da contação de história no desenvolvimento da humanidade, exploramos aqui, algumas ideias de cunho argumentativo, com o objetivo, objetiva-se traçar um paralelo entre a literatura e realidade, expondo como as narrativas se relacionam com as experiências humanas em situações cotidianas e com possíveis processos que emergem no âmbito da relação entre indivíduo e leitura.

METODOLOGIA

O tipo de estudo que desenvolvemos é um ensaio. De acordo com Barros (2011) “o termo ensaio carrega a ideia de tentativa de ação especulativa e interpretativa” (p. 335). Assumimos, portanto, essa caracterização para conduzir no presente trabalho, uma análise que situa traços dos comportamentos de um personagem icônico da literatura universal em uma interpretação psicológica. O referido personagem é Hamlet, figura literária criada por Shakespeare e a interpretação psicológica que nos propomos será baseada em pressupostos da Logoterapia, abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl.

Neste ensaio envolvemos, portanto, dois tipos de literatura: uma obra artística e uma científica, no campo da psicologia clínica. Intentou-se argumentar, com base na literatura, sobre prováveis aproximações entre experiências psicológicas representadas em uma passagem da narrativa da personagem do príncipe dinamarquês, Hamlet, na arte literária e experiências psicológicas relacionadas com a vida humana cotidiana, fora da arte e da literatura.

No que se refere à literatura científica, utilizamos, como aporte, dois dos célebres escritos de Frankl, a saber, “Psicoterapia para todos” e “Em busca de sentido”, a partir das quais são descritos conceitos basilares de sua teoria. Ademais, foi utilizado também o livro “Logoterapia e Análise Existencial”, do professor Thiago Aquino (2013), enquanto consulta breve, mas complementar às duas anteriores. No que tange à literatura artística, como já sinalizamos, usa a obra Hamlet.

Agregou-se, a este ensaio, uma revisão da literatura, a fim de encontrar outras produções e, por conseguinte, tornar mais sólida a base sobre a qual se sustento os argumentos atrelados à relação entre Logoterapia e literatura. De acordo com Mancini e Sampaio (2006), a revisão da literatura é um procedimento indispensável numa pesquisa de cunho acadêmico. Em suas palavras,

Revisões da literatura são caracterizadas pela análise e pela síntese da informação disponibilizada por todos os estudos relevantes publicados sobre um determinado tema, de forma a resumir o corpo de conhecimento existente e levar a concluir sobre o assunto de interesse (MANCINI E SAMPAIO, 2006, p. 1).

Como procedimento para essa revisão, usamos os descritores “Logoterapia AND Literatura”, “Logoterapia AND Narrativas”, “Logoterapia AND Ficção” e “Logoterapia AND Clássicos” para buscar artigos em dois principais portais eletrônicos: CAPS e SCIELO. As duas buscas realizadas foram frustradas, uma vez que nenhum material encontrado abordava a intersecção “literatura e logoterapia”; alguns apenas, um especificamente, dissertava acerca “escrita terapêutica e logoterapia”, mais próximo do tema em voga que os demais achados. Considerou-se, também, produções em outros idiomas, inglês e espanhol, haja vista a escassez de publicações brasileira que aborde a Logoterapia, até mesmo em sentido lato. Em resumo, o maior número de escritos remetiam-se a discussões alheias ao foco da investigação presente ensaio.

O estudo se caracteriza como sendo de natureza qualitativa, tendo em vista o seu caráter argumentativo e interpretativo. Enquanto guia para a interpretação literária, aplicaram-se os direcionamentos propostos por Northrop Frye (2017), crítico literário canadense do século XX. Na perspectiva de Frye, as comédias e as tragédias podem ser configuradas como palco dos grandes dramas da humanidade, revelando, ainda, os sentimentos mais sórdidos e os mais sublimes (aquilo que há de mais alto e mais baixo alcançável pela imaginação do ser humano) em torno dessas condições, isto é, desses modos de estar no mundo. Assim, do mesmo modo que a palavra “mito” não deve ser

entendida como sinônimo de mentira, é improfícuo que se categorize uma tragédia como mero “faz de conta” dotado de total irrealidade.

A partir de Frye, contemplou-se a literatura para além de seus benefícios cognitivos, como defendem Oakhill & Yuill (1996). Portanto, quando da apreciação e interpretação da obra shakespeariana, o enfoque não foi direcionado para o aspecto cognitivo propriamente dito, ou seja, memória, atenção e afins; também não se considerou a profundidade em torno dos aspectos estéticos, não obstante sua grande importância. Neste ensaio, trabalhou-se a dimensão existencial, lugar no qual atua a unidade do indivíduo, a harmonia entre Soma, Psiquê e Nous; o local mesmo onde se exerce valores atitudinais, mediante a apreensão das possibilidades de vir-a-ser e do ato de se lançar a uma tarefa (finis) à procura de um sentido (AQUINO, 2013).

A MÁ COMPREENSÃO DO QUE É LITERATURA

A despeito da ascensão literária observada no período medieval, alguns “fenômenos”, hoje, inviabilizam o bom aproveitamento do conteúdo oferecido por estas obras, a saber: 1) O imediatismo e a celeridade no tráfego de informações; 2) O entendimento mecanicista acerca da literatura.

Explicamos. Muitas mudanças ocorreram no tecido social ao longo da história da humanidade. Sabe-se que cada época teve seu *zeitgeist* (espírito do tempo), com seus costumes e modo de funcionamento específico.

Atualmente, aborda-se constantemente a temática do imediatismo enquanto fenômeno da pós-modernidade. A relação difícil com o outro, bem como a velocidade nas trocas de informações são predicados abordados de maneira negativa no século XXI. A ascensão da tecnologia suscitou problemas que emergem no âmbito individual e coletivo, não obstante seus diversos benefícios, a exemplo da ampliação do campo de comunicação, considerando o desenvolvimento da *internet* (VELAÇA E ARAUJO ET AL., 2016).

Conforme pesquisa realizada pela *Microsoft*, a capacidade de concentração das pessoas vem sofrendo um decréscimo desde o início dos anos dois mil. O estudo teve a contribuição de dois mil participantes. Após exames eletroencefalográficos, apontou-se que, desde a popularização dos aparelhos portáteis e de mídias digitais, a dispersão tornou-se mais frequente, uma vez que, segundo a pesquisa, a capacidade de sustentação de foco contabilizou apenas oito segundos (BBC, 2015).

Pois bem. A captação das informações demanda atenção, algo autoevidente. É a partir da concentração que o receptor decodifica e compreende a mensagem lançada pelo emissor. Consideremos, então, o processo de leitura de um livro: caso a atenção seja demasiado flutuante, a apreensão e compreensão do conteúdo se tornarão bem difícil; o processo de aprendizagem ficará defasado. Ademais, o deleite e a avaliação de uma obra técnica ou artística, necessitam de recolhimento e certo grau de morosidade. Assim, eis uma pergunta oportuna: qual o lugar da leitura em meio a uma agremiação de seres imediatistas?

A leitura de uma obra, se analisada de perto, configura-se como um processo complexo. Uma miríade de funções cognitivas é chamada à ação para que o leitor obtenha um bom aproveitamento (leia-se, aqui, compreensão e retenção). No mapeamento de Oakhill & Yuill (1996), consta que as funções cognitivas envolvidas na leitura incluem: memória de trabalho, conhecimento armazenado, monitoramento, integração de informações e inferências. Nesse mapeamento, os autores também destacaram a importância aspectos linguísticos, a exemplo da atenção voltada à sintaxe, semântica, lexico e a habilidade de decodificação. E, para os mesmos autores, é apenas na ação articulada desses fatores que o alcance das ideias e suas conexões postas no corpo textual se tornam factível.

Isto posto, o segundo problema emerge indiscretamente, e quase que axiologicamente, digamos. É uma equação de cálculo simples: um objeto desprovido de valor, compreendido como simples ápice da abstração supostamente irreal, dificilmente será centro de atenção dos que o rodeiam; os transeuntes, em seu caminho, facilmente ignorarão tal coisa. Interpretamos, então, que o imaginário social em torno da literatura a percebe com mero escopo de signos sem valor simbólico.

A decodificação é a única dimensão fomentada em meio às condições descritas anteriormente. Todavia, a decodificar é processo primário e, *per se*, não é suficiente para que se diga que foi contemplada a experiência que a literatura possibilita. A literalidade pura e simples certamente não suscitará apreensão dos possíveis aspectos simbólicos e colocará em xeque a qualidade da leitura. Nos dizeres de Bettelheim (2000, p. 12), “(...) a leitura fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. O autor denomina de *castração da literatura* quando leitura desta é amparada, exclusivamente, pela decodificação displicente

A ação de imergir numa obra (seja esta de ficção ou não), diferentemente da imagem em vigor em boa parte do senso comum, não é pura e simplesmente um passatempo; não se trata de um subterfúgio utilizado para preencher os espaços ociosos dos dias (ou, ao menos, não devia sê-lo). Aspectos como os diferentes tipos de estilo, o ritmo, além de peculiaridades da linguagem, a saber, a metáfora, a descrição e afins, são pontos importantes a serem destacados mediante o contato com a leitura (FRYE, 2017).

Reconhecemos que romances, poesias e demais escritos são muito úteis, é inegável. No entanto, o utilitarismo (reduzir um objeto simplesmente à sua utilidade, àquilo que se pode fazer com ele em termos práticos) não deve ser entendido como aspecto principal: a apreciação da forma, do ritmo, das nuances semânticas, a exemplo da metáfora e a possibilidade de sentidos múltiplos de uma palavra, é-nos, também (e talvez primeiramente) muitíssimo importante. Ainda assim, é salutar afirmar que a literatura “serve para algo” para além do aperfeiçoamento cognitivo e da minimização dos efeitos do tédio. Deve-se considerar dois componentes importantíssimos: 1) a capacidade de reunir e articular experiências ordinárias presentes no cotidiano de cada ser humano; 2) o estímulo e, conseqüentemente, o aprimoramento da imaginação.

As vivências rotineiras colocam os indivíduos em contato com uma legião de fenômenos, cujas relações possíveis permanecem imperceptíveis, devido à infinidade de distrações comuns à vida prática: o cotidiano acaba por exigir das pessoas um estado mental mais pragmático. Northrop Frye acerta quando diz que a literatura ocupa-se da tarefa de expor o sujeito àquilo de mais humano, ao que escapa, isto é, o conteúdo marginal na relação com o outro e até com o mundo físico. Na concepção do autor, a literatura harmoniza uma posição prática da pessoa com uma posição consciente diante da vida (FRYE, 2017).

Frye sintetiza a função da literatura na humanização da vida, ao afirmar que “(...) as impressões sobre a vida humana vão acumulando-se uma a uma e, para a maioria (...), permanecem vagas e desorganizadas. Na literatura, porém, muitas dessas impressões de repente ganham ordem e foco” (FRYE, 2017, p. 55). A partir das palavras do autor, faz-se plausível a ideia de que as narrativas nos permitem ver o caos da vida num grau razoável de ordem, além de suscitar ou até mesmo aperfeiçoar-nos a capacidade de autoorganização.

Partindo de uma composição de argumentos que considera a ação do saber literário na vida humana e, conseqüentemente, rejeita a invalidação da relação do símbolo com o mundo natural exposta em Anjos & Silva (2014), aplicar-se-á, facilmente, a distinção entre o conteúdo *imaginário* e o *imaginativo*: o primeiro, sendo a referência àquilo que é irreal; e o segundo, àquilo que é real, respectivamente. Na experiência literária, a associação é imaginativa e revela ao leitor a oportunidade que emerge no momento de cada leitura: a criação, através da imaginação, de um quadro geral de ações possíveis (FRYE, 2017).

Mostrou-se, assim, que os diversos gêneros, do épico ao dramático, carregam em si dramas humanos comuns à nossa existência. Os enredos, ainda que ficcionais, , disparam relações com experiências verossímeis (destaquemos este ponto, pois é de grande importância). Por essa razão, o leitor é habilitado, por exemplo, para antecipar conseqüências de um comportamento potencial, de modo imaginativo, sem, no entanto, convergi-lo ao ato.

Ademais, pressupõe-se, ainda, uma identificação do leitor com as emoções do personagem. Os clássicos, tais como Hamlet, com o tema da traição (insatisfação entre o que se espera do outro e o que ele, de fato, oferta, seja comportamental ou emocionalmente) e da responsabilidade moral da existência, fomenta a identificação do leitor com a personagem central. Esses temas são (ou poderão ser) parte da vida de toda e qualquer pessoa.

LITERATURA E REALIDADE: UM PARADIGMA INCOMUM

“Quando eu experimentei pela primeira vez o poder da história como ‘curativa’ para comportamentos desafiadores (...) senti como se uma luz houvesse iluminado a escuridão”, relata Susan Perrow, na introdução de seu livro *Histórias Curativas Para Comportamentos Desafiadores* (PERROW, 2013. p. 15), uma menção da autora às experiências vividas em trinta anos de exercício da função de conselheira escolar.

Em seu, Perrow (2013) conta como descobriu o poder das histórias para o enfrentamento de situações adversas, sobretudo dilemas comportamentais, tal como medos, doenças, sofrimento, ansiedade decorrente de separações, entre outros. Objetivando alcançar questões frequentes relacionadas com o público infantil, especificamente dos três aos oito anos, Susan observou o seguinte: “algumas vezes, uma história escrita para uma criança tem um efeito transformador num adolescente ou adulto” (PERROW, 2013. p. 16).

Não há limites de idade no que tange aos efeitos de um bom conto, menciona Perrow (2013). Dessa forma, torna-se oportuno considerar o papel da imaginação do ouvinte/leitor, processo mediante o qual se ativa uma ampla conexão, através de metáforas e imagens mentais, estruturadas em forma de categorias, devidamente relacionada com a diversidade de comportamentos e ambientes. Nesse contexto, contudo, a conselheira propõe diretrizes para nortear seus leitores em direção a trabalho eficiente na criação de modelos narrativos pessoais. Em outras palavras, a aplicação uma postura atenta ao que é contingente, não raro, revela que, o mesmo solo de onde “brota” o problema, carrega consigo os meios (elementos próximos a quem participa do processo terapêutico) para a solução.

Dispondo de uma estrutura tríplice, a harmonia entre metáfora, enredo e resolução, tem-se a abordagem de Perrow (2013), senão todo o caminho, ao menos uma parâmetros seguros para a elaboração de um conteúdo que promova impactos no estado psicológico atual e futuro dos ouvintes envolvidos nessa atividade. Embora não se trate de “pílulas mágicas com o poder de curar todas as dificuldades e desafios” o fomento à criação de histórias por parte das crianças, pode revelar informações importantes para pais, conselheiros e professores

Em resumo, até agora, a construção dos argumentos visa o reconhecimento dos efeitos da literatura sobre as aflições humanas. Além disso, buscou-se explorar o funcionamento dos preceitos teóricos, dos fundamentos, aplicados à práticas terapêuticas, evidenciada mediante a criação de histórias. Dessa forma, observou-se a ideia central deste ensaio, a relação entre tramas e enredos tecidos no âmbito da arte da literatura e as experiências psicológicas humanas relacionadas com a vida cotidiana e, bem como suas possibilidades de aplicação no campo da psicologia.

LOGOTERAPIA E LITERATURA: UMA INTERSECÇÃO POSSÍVEL

É possível o diálogo entre psicologia e literatura? Ora, tendo em vista que, ambos campos de conhecimento, destinam-se à tentativa de nos revelar processos subjacentes à relação do ser humano consigo mesmo e com seus semelhantes, é positiva resposta que segue dessa pergunta e que mais se coaduna com a posição defendida nesta obra. Assim, destacou-se, até o presente momento, algumas noções literárias, sobretudo a possibilidade de concordância entre as diversas narrativas e à vida cotidiana.

As diversas tensões e as próprias investigações com as quais uma pessoa se envolve quando no contato com a realidade são, comprovadamente, objetos das produções de muitos artistas, principalmente escritores. De acordo com Baiocchi e Niebielski (2009), a apropriação da vida cotidiana pela arte da literatura é tratada no campo da Psicologia da Arte. Os dois autores propuseram uma análise sistemática da relação entre a Psicologia e a arte da literatura, abrangendo a Psicanálise, de Freud, a Psicologia Analítica junguiana, a Psicologia Social de Vygotsky e, por último, Gestalt e o Cognitivismo, de teóricos como George Miller, Albert Bandura e Erich Nielsner. Com base na análise sistemática, percebeu-se que os relatos literários possui um caráter expressivo e fazem ecoar estados emocionais e reflexões, além de informar aos seus apreciadores sobre a cultura de uma época específica e sobre o funcionamento da sociedade na qual o escritor viveu.

É bem verdade que as histórias, de diversos gêneros, garantem a oportunidade da expressividade; todavia, muito mais relevante que esse aspecto (e aqui reside a premissa fundante e cara a este artigo) é que as narrativas podem facilitar o encontro do indivíduo com o significado; ainda, pode o estudo dos romances, por exemplo, tornar-se a tarefa que o servirá para a descoberta de seu sentido existencial. Ancoramo-se, portanto, os efeitos do encontro com a literatura nas explicações de Viktor Frankl, pontualmente, a respeito da habilidade humana para perceber e perseguir um sentido para a sua existência.

A Logoterapia (Análise Existencial), também conhecida por *Terceira Escola Vienense de psicoterapia*, foi fundada por Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), neurologista e filósofo, entre a década de 1920 e 1930. Com muita sensibilidade, este vienense considerou diversas áreas do conhecimento, amalgamando o que nelas há de melhor, a fim de apresentar sua concepção acerca do ser humano, amparado por boa parte das ciências do espírito (*geistwissenschaft*), filosofia, sociologia e psicologia.

O retrato frankliano concernente à figura humana edifica-se sobre as dimensões da ontologia dimensional, marca indelével da Logoterapia. Segundo Aquino (2013, p. 43), ao optar por um caminho incomum à sua época, “(...) Frankl vai recorrer ao conceito grego de *nous*, e integrar o ser humano numa unidade biopsiconoética”. Cada pessoa deve, pois, ser percebida a partir das diversas dimensões nas quais está inserida e não somente como um subproduto da predominância de uma dessas áreas sobre as demais, nem enquanto autômato, joguete das inúmeras facetas sociais ou, tampouco,

como sendo um amontoado de células e resultado da troca de estímulos elétricos entre elas.

O aspecto noético (espiritual), tomado em um sentido antropológico (e não religioso), alinhado à ideia de indivisibilidade do indivíduo (*in-dividuum*), promove a valorização da pessoa humana e, por conseguinte, desfaz as quimeras do *patologismo*. Um exemplo interessante é quando Frankl menciona alguns casos de personalidades louváveis, como, por exemplo, Dostoiévski e Joana d'Arc, que, se resumidas às suas enfermidades, não seriam nada mais que um epilético e uma histérica, respectivamente. No entanto, enquanto figuras “gigantes no tempo”, essas pessoas realizaram grandes feitos e marcaram gerações (Aquino, 2013).

Ademais, ainda que não equivalente ao patologismo *desumizante* e *despersonalizante*, o psicologismo também recebeu críticas pelo criador da Análise Existencial. Mediante explanação de Aquino (2013), esta mesma perspectiva fere as leis da ontologia dimensional. Por exemplo, “quando vários objetos, cilindro, cone e esfera, são projetados num plano unidimensional, produzem figuras ambíguas e contraditórias, pois esses objetos tridimensionais não podem ser reduzidos a um círculo” (p.47). Fortalece-se, novamente, o perigo decorrente do reducionismo.

Outrossim, a “noeticidade” da pessoa, reserva-lhe a capacidade de experienciar estados personalíssimos, nomeadamente a experiência do desespero, da consciência de finitude e, ainda, do amor e da bondade. Paralelamente, em meio a esses sentimentos, edifica-se a *Vontade de Sentido*. É possível dizer que: se há uma vontade, há, conseqüentemente, uma busca; um movimento impulsionador para a garantia da realização e da felicidade.

Na obra *Psicoterapia para Todos*, Frankl descreveu a felicidade enquanto um epifenômeno. De acordo com tal concepção, o ser humano carrega em si uma volição por um *motivo* e a felicidade, algo abstrato, só é possível no encontro dessa vontade com seu correspondente externo. É preciso, entretanto, evitar uma compreensão errônea: a logoterapia não apregoa plenitude; antes, nela adverte-se para a presença constante do sofrimento na vida, avisando-nos ser este um de seus componentes mais importantes. Mas, ao encontrar um sentido (*motivo*), harmoniza-se a balança: encontra-se, também, o elemento da existência que se eleva sobre a circunstância não mais visível aos olhos tão somente a preponderância da angústia (FRANKL, 2018).

O questionamento, então, é: como é encontrado o sentido? Para Frankl (2019, p. 133), “o sentido de vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro” . Isto

significa dizer que não há margem para abstracionismo: versa-se sobre o diálogo a realidade e suas especificidades emergentes.

Nessa perspectiva, o indivíduo encontra sentido ao agir para consolidar tarefas potenciais em cada situação, que se traduz, em resumo, como uma postura responsável do ser humano perante sua própria existência. Dito de outra forma, na concepção da Logoterapia, a pessoa deve agarrar-se à totalidade das circunstâncias da vida, (do sofrimento, inclusive), mantendo os olhos bem abertos, para perceber como as ações concretas, sedimentadas no passado, convivem concomitantes à potencialidade do ser, que é sinalizada pelo futuro.

HAMLET SOB O OLHAR DA LOGOTERAPIA

O âmago da famosa história shakespeariana, *Hamlet*, trata louvavelmente do tema da responsabilidade humana. Uma das passagens mais famosas da tragédia inglesa nos remete ao “Ser ou não ser”, diálogo de Hamlet consigo mesmo, ao se defrontar com a morte, no apogeu de seu sofrimento e de seus questionamentos mais íntimos, relacionados com as exigências da conjuntura que experimentava. Quando o príncipe Hamlet expressa que: “(...) sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz ou pegar em armas contra o mar de angústias – E, combatendo-o, dar-lhe fim? (...)”, fala não somente de um estado interior, mas também da potencialidade e da concretude contingente, articuladas “dentro” de um processo decisório que o convida à ação (SHAKESPEARE, P. 80).

Na situação a qual Hamlet se encontrava, urge decidir pela responsabilidade e a persistência, experienciada através do posicionamento autoconsciente da possibilidade de ser e pelo enfrentamento do “(...) desdém do orgulhoso, as pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, a prepotência do mando, e o achincalhe (...)” comuns à vida; ou, reativamente, entregar-se ao não-ser e, como diz Hamlet, “Morrer; dormir; Só isso.”, esperando tão somente a morte “(...) extinguir dores do coração e as mil mazelas a que a carne é sujeita (...)” (SHAKESPEARE, P. 80). E, de acordo com Frankl (2019), há uma questão a ser percebida nas mais diferentes situações da vida, as quais cada indivíduo deve respondê-las nos moldes de sua própria individualidade.

Não obstante à singularidade de cada acontecimento, a leitura consegue alcançar o feito de explicitar ao leitor conflitos paradigmáticos, comuns em várias épocas. É plausível afirmar que, ao imergir na história e se reconhecer, em algum grau, na figura do personagem, o apreciador do enredo se desperte para uma tarefa a ser realizada, logo após entender a importância do conflito desenvolvido na história e do

confronto que desta decorre.

O romance inglês, em sua magnitude, impulsiona uma discussão importantíssima tratada também por Frankl: a maneira de se colocar perante o sofrimento. O consagrado fragmento do Ato V, no qual se expõe o questionamento (“ser ou não ser?”) proferido pelo príncipe dinamarquês, evidencia, em suas entrelinhas, a probabilidade de transformação circunstancial mediante deliberação individual e a postura de Hamlet frente a esta situação.

A existência, em certa medida, é implacável e mundo se regula independentemente, à parte de expectativas humanas, condição que nos coloca diante alguns episódios adversos presentes no cotidiano, quer sejam positivos quer sejam negativos. Então, o que resta quando não há ação cabível? A resposta de Frankl é que o esforço, outrora direcionado ao ato de reforma exterior, deve ser redirecionado ao ato de reforma interior, com vista à absorção e integração do acontecimento. Se não se pode mudar acircunstância, muda-se a si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura nos oferece material suficiente para ilustrar variadas situações da vida humana cotidiana; configura-se como sendo um caminho instigante a ser trilhado, sobretudo pelo seu caráter didático, tanto para o escritor quanto para os que recebem os frutos de suas mãos. Porém, o estudo literário transcende o propósito “livresco” do esclarecimento conceitual, pois o encontro do indivíduo com grandes escritos pode protagonizar, digamos, a imanência da ideia, que se dá mediante a mudança real na vida da pessoa. Empregando uma hermenêutica pautada nos pressupostos da logoterapia, a literatura pode ser entendida como fonte de sentido para o autor, no processo criativo; e para leitor, em seu estudo e ensino.

De acordo com Frankl (2019), encontra-se sentido, possivelmente, “*criando um trabalho ou praticando um ato*”, o que se torna facilmente perceptível ao nos atentarmos para a jornada de personalidades como Dostoiévski, escritor de grandes obras, mas que nem sempre obtivera reconhecimento ou foi abastado, chegando a enfrentar fases turbulentas em termos financeiros. Ora, por que continuar a escrever mesmo na ausência de reconhecimento social ou valores materiais afins?

Alcançar o momento mesmo da conclusão de um escrito e ter diante de si o resultado de um processo marcado pela solidão e pelo elevado empenho na organização de suas ideias e experiências, garante ao ensaísta satisfação e sentido, bem como valor existencial, a despeito da supressão do valor monetário e reconhecimento

social que disso decorre. E, além das emoções de satisfação (que certamente cessarão) proporcionada pelo feito artístico, adquire-se uma ordem e, portanto, uma estabilidade primária importante à vida que, talvez, seja outra forma de definição possível ao *sentido*. Tragédias, oscilações, imprevisibilidade são componentes operantes e inevitáveis da existência humana; mas se há algo que sirva como um “lugar habitável”, apesar de tudo, o caos e aleatoriedade não serão tudo (FRANKL, 2019).

Acrescenta-se que a atuação professoral, apesar de não constituir a melhor maneira de lidar com a literatura, como já mencionado, proporciona essa função e possibilita, ensinar por seu intermédio. Um contista, por exemplo, pode acabar pulverizando pressupostos filosóficos em suas linhas (intencionalmente ou não), bem como evidenciar os elementos culturais de sua época, a fim de propaga-los e, assim, preservá-los.

É salutar afirmar que (e aqui se evoca a segunda parte do respectivo tópico “*criando um trabalho ou praticando um ato*”), intencional ou despretensiosamente, o artista literário leciona aos seus admiradores, e até mesmo aos críticos, com suas ideias e suas observações. Dessa forma, uma fração de quem se é chega aonde os olhos não alcançam. Ademais, aquele que recebe a história, ao ser instruído (ainda que seja autodidata), encontra sentido “*experimentando algo*”. Na elaboração de Frankl (2019), “algo” é um espaço semântico que pode ser preenchido pela natureza, por outra pessoa (o pronome passa ser “alguém” ao ser metamorfoseado pelo amor e pelo encontro com o outro) ou pela cultura.

Para aquele que experimenta a contação da história (na condição de ouvinte ou leitor), a aquisição de novos símbolos e a ampliação da capacidade imaginativa, possibilitada pelo enriquecimento cultural (e a conotação aqui é a de ampliação de conteúdo interno, numa teia relacional, com que se possa responder às questões que se colocam no mundo) pode muito em seus efeitos. Um ajuste de perspectiva quanto ao significado da literatura dará ao autodidata sapiência e sensibilidade; fá-lo-á subir ao ápice da capacidade inventiva humana (*homo cumulus*), bem como adentrar aos recônditos, àquilo que há de mais sórdido na biografia do *homo húmus*. O sentido está em relacionar o conhecimento adquirido aos próprios atos, enquanto sabedoria, e aos atos dos semelhantes, na tentativa de auxiliá-los (FRYE, 2017).

O prazer resultante do conhecer e de contemplar todas as capacidades desenvolvidas seguidamente pelo estudo faz parte, decerto, da vida de leitura, porém

não a esgota, podendo ser percebido como acidental. Ora, “entrega-se” aos livros por observar significado em fazê-lo. O que Frankl (2019) coloca é que, ao atribuir ao prazer o título medular da existência, desintegrando-o dos aspectos da experiência multidimensional humana, frustra-se a *Vontade de Sentido* e, por resultado, ocasiona-se o vácuo existencial, o tédio.

Os desdobramentos da falência na busca essencial pelo sentido podem ser localizados com base na aparição de alguns fenômenos que se organizam dentro do funcionamento das doenças do espírito. O escopo psicopatológico forjado por Frankl faz menção à chamada neurose noogênica, uma contenção interna, um embotamento que opera sobre a capacidade de perceber sentido e não um reflexo de uma coerção ou proibição por via externa. O sentimento de frustração existencial, ao crescer exponencialmente, também pode assinalar a instauração de uma neurose de massa, um problema psicossocial.

Para Aquino (2019), no vácuo de sentido e, conseqüentemente, no exercício de uma conduta fatalista, apreende-se somente o “aqui-agora” e entrega-se ao destino, circuncisando-se a si para a capacidade de agir e ser no mundo. A percepção voltada rigidamente apenas para o presente caracteriza uma maneira cíclica de existir, incursão circular neurótica que é desfeita no momento em que a pessoa se movimenta prospectivamente em direção a algo (ou alguém) diferente de si mesmo (capacidade de autotranscendência específica e inalienável do ser humano). Advoga-se, aqui, pela hipótese de compreender a literatura enquanto objeto “remediador”, a contribuir para a quebra do ciclo neurótico.

O tesouro literário, inestimável e inexaurível, tem competência para promover a percepção de um sentido, “(...) ampliando o horizonte de consciência de cada indivíduo para a percepção de outras nuances, fazendo-o observar a vida para além de sua transitoriedade” (FRANKL, 2018, p 21). Ao aguçar a capacidade de escolha, a literatura pode resgatar o indivíduo do lugar de desespero, fazendo-o dizer um “sim à vida” novamente.

REFERÊNCIAS

ANJOS, T.M.A.; SILVA, C.A. *Literatura infantil e sua interface com o desenvolvimento da leitura e da escrita na educação infantil: um olhar reflexivo*. Rev. Interfaces da educação. Parnaíba, v5, n3, p.141-156, 2014.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **Logoterapia e Análise Existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl/ Thiago Antonio Avellar de Aquino. – São Paulo: Paulus, 2013. – Coleção Logoterapia

BARROS, Kazue Saito Monteiro de. **Réplica 1 - O que é um Ensaio?**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 333-337, Mar./Abr. 2011. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>

BAIOCCHI, Alexandre; NIEBIELSKI, Dileuza. PSICOLOGIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, dez. 2009. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3442/2736>>. Acesso em: 14 out. 2020

BERNARDINO, Andreza; SOUZA, Linete. A contação de história como estratégia pedagógica no ensino infantil e fundamental. **Educere et Educare**, Cascavel, v.6 n. 12, p. 235-249, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 05. nov. 2020

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*/ Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 48. Ed. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva/ tradução de Antônio Estêvão Allgayer; revisão técnica de Helga Hinkenickel Reinhold. – 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. FRYE, Northrop. **A Imaginação Educada**. Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Geradine e Cristiano Gomes – Campina Grande, SP: Vide Editorial, 2017.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. Ed. Campinas: ed. da Unicamp, 1996.

MATEUS, Ana. A importância da contação de história como prática na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, Minas, v. 5 n. 1, p. 54-69, out. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>. Acesso em: 23 out. 2020. MATOS, Júlia; SENNA, Adriana. **História Oral Como Fonte: Problemas e Métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MANCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. *Rev. bras. fisioter.*, São Carlos, v. 10, n. 4, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-3552006000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Nov. 2019.

OAKHILL, J., & YUILL, N. (1996). Higher order factors in comprehension disability: processes and remediation. In C. Cornoldi & J. Oakhill (Orgs.), *Reading comprehension difficulties – processes and intervention* (pp. 69-92). Mahwah: Lawrence Erlbaum.

PERROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores/** Susan Perrow; tradução Joana Maura Falavina. – 2ª Ed. – São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

SHAKESPEARE, William. Hamlet; tradução de Millor Fernandes – ed. de bolso – São Paulo: coleção L&PM Pocket, 1997.

Tecnologia deixa humanos com atenção mais curta que de peixinho dourado.

BBC, São Paulo, 16 de mai. de 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150515_atencao_peixinho_tecnologiafn. Acesso em: 23 de out. de 2020.

Tecnologia, sociedade e educação na era digital [livro eletrônico] / Márcio Luiz Corrêa Vilaça, Elaine Vasquez Ferreira de Araujo (Organizadores). - Duque de Caxias, RJ: UNIAGRO, 2016.